



**IPHAN**

INSTITUTO DO  
PATRIMÔNIO  
HISTÓRICO E  
ARTÍSTICO  
NACIONAL

Memorando nº

266 /PRESI

Data:

27/06/2016



01424.000185/2016-18

À **Sra. Mônia Luciana Silvestrin**  
Diretora-Substituta do Departamento do Patrimônio Imaterial

Assunto: **Pedido de Registro do “Marabaixo”.**

Encaminhamos Memorando nº 19/2016-GAB/SE-AP/IPHAN, datado de 15 de junho de 2016, subscrito pela Superintendente do IPHAN/AP, Sra. Juliana Morilhas Silvani, em que solicita a abertura de processo administrativo para registro do Marabaixo como Patrimônio Imaterial do Brasil.

Solicitamos avaliação desse Departamento e providências conforme proposto nos termos do Decreto nº 3.551/2000.

Atenciosamente,

*[Handwritten signature]*  
**Joana D'arc Rolin**  
Chefe de Gabinete-Substituta

BRANCO

- A COLEG, para proceder.  
28.06.16

*[Handwritten signature]*  
**Mônia Silvestrin**  
Diretora Substituta do DPI

RECEBIDO  
27 0 16  
18 00  
*[Handwritten signature]*

EMBRANCO



**IPHAN**

INSTITUTO DO  
PATRIMÔNIO  
HISTÓRICO E  
ARTÍSTICO  
NACIONAL

Memorando n°

19/2016-GAB/SE-AP/IPHAN

Data:

15/06/2016



IPHAN/IPHAN-AP  
01424.000185/2016-18  
/ /2016



À Sra. Presidente

**KÁTIA SANTOS BOGÉA**

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Presidência

SEPS Quadra 713/913 Sul , Bloco D , Edifício IPHAN, 5° andar – Bairro Asa Sul

CEP: 70.390-135

Brasília/DF

**Assunto: Pedido de Registro do Marabaixo como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil**

Senhora Presidente,

Cumprimentando-a e considerando o disposto na Resolução IPHAN n° 001/2006, com enorme satisfação através deste requeremos instauração de processo administrativo de Registro do Marabaixo como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, conforme as informações que abaixo seguem:

I – Identificação do Proponente

Superintendência do IPHAN no Amapá

CNPJ n°: 26474056/0038-63

Av. Henrique Galúcio, n° 1242/A, Centro, Macapá/AP

CEP: 68.900-115

Telefone: (96) 984141573

e-mail: [iphan-ap@iphan.gov.br](mailto:iphan-ap@iphan.gov.br)

Obs.: Decidiu-se a partir de acordo entre os grupos marabaixeiros que a instituição responsável por formalmente propor o pedido de registro deveria ser o próprio IPHAN, a

fim manter a equidade da participação dos grupos no processo de reconhecimento e valorização do Marabaixo.

## II – Justificativa do pedido

Conforme pedido de Registro construído pelo Comitê Gestor do Marabaixo (*“Marabaixo: história e elementos formadores do povo amapaense”*), acompanhado dos relatórios das oficinas realizadas) e Nota Técnica n° 16-DIV.TEC/IPHAN/AP, em anexo.

## III – Denominação e descrição sumária do bem proposto pra Registro, com indicação da participação e/ou atuação dos grupos sociais envolvidos, de onde ocorre ou se situa, do período e da forma que ocorre.

Tais informações podem ser verificadas nos seguintes documentos, enviados em anexo:

- Pedido de Registro construído pelo Comitê Gestor do Marabaixo - *“Marabaixo: história e elementos formadores do povo amapaense”*;
- Nota Técnica n° 16-DIV.TEC/IPHAN/AP;
- Produtos do INRC do Marabaixo: Dossiê do Marabaixo e Fichas preenchidas (via impressa e digital);
- Fichas de bens culturais inventariados preenchidas (INRC do Marabaixo; Anexo 3– Ficha de bens culturais inventariados), em via impressa e digital.

## IV – Informações históricas básicas sobre o bem

As informações históricas sobre o bem podem ser verificadas nos produtos do INRC do Marabaixo: Dossiê e Fichas preenchidas (via impressa e digital).

## V – Documentação mínima disponível, adequada à natureza do bem, tais como fotografias, desenhos, vídeos, gravações sonoras ou filme.

Em anexo, enviamos:

- Vídeo documentário *“Marabaixo do Amapá”*, produzido pela equipe contratada do INRC do Marabaixo, em duas vias digitais (uma de maior e outra de menor definição);



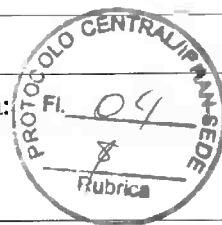


# IPHAN

 INSTITUTO DO  
 PATRIMÔNIO  
 HISTÓRICO E  
 ARTÍSTICO  
 NACIONAL

Memorando n°

Data:



- Relatório fotográfico em via digital, contendo todas as fotos utilizadas no INRC do Marabaixo (relatório e fichas);
- Fichas de registro audiovisual preenchidas (INRC do Marabaixo; Anexo 2 – Ficha de registros audiovisuais), em via impressa e digital;
- Cópia em via impressa dos formulários de autorização de uso de imagem referentes às imagens produzidas no âmbito do INRC do Marabaixo.

Mencionamos ainda a existência de 51 mídias digitais (cd/dvd) de material bruto produzido ao longo do INRC do Marabaixo (fotografias, registros sonoros e audiovisuais).

#### VI – Referências documentais ou bibliográficas disponíveis

Em anexo, enviamos preenchida ficha de referências documentais e bibliográficas (INRC do Marabaixo; Anexo 1 – Bibliografia).

#### VII – Declaração formal do representante de comunidade produtora do bem ou de seus membros, expressando o interesse a anuência com a instauração do processo de Registro.

Em anexo, abaixo-assinado de praticantes do Marabaixo, anuindo o Registro desse bem cultural como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, acompanhado de relatório das atividades de mobilização promovidas junto aos grupos de detentores.


Atenciosamente,

**Juliana Morilhas Silvani**

*Superintendente do IPHAN no Amapá*



EMBRANCO

MINISTÉRIO DA CULTURA					
	<b>IPHAN</b>	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL	Nota Técnica nº 16	Data:	19/08/2015
			DIVTEC/IPHAN/AP	Fl. 05	Rubrica

**Para: Juliana Morilhas Silvani**  
Superintendente do Iphan no Amapá.

**Assunto: Pertinência do pedido de Registro do Marabaixo como Patrimônio Cultural.**

“Ladrão de Marabaixo”

Grande acontecimento  
Em louvor vem exaltar  
Divino Espírito Santo  
O seu nome eu vou louvar

A Santíssima Trindade  
Vou cantar com emoção  
Com o cortejo da murta  
Relembro a tradição

Na frente da catedral  
Eu me pego em oração  
Com a benção do  
Divino de São José a proteção

Pretas velhas cantadeiras  
Hoje vivem recordar  
As histórias de emoção  
Do Marabaixo do Amapá



Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade.  
Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.  
Acervo IPHAN. 2013.




A presente Nota Técnica faz referência a elaboração do Pedido de Registro do Marabaixo como Patrimônio Cultural Nacional, desenvolvido coletivamente entre os detentores da manifestação e mediado pela Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Amapá (Iphan/AP). Trataremos do histórico de atuação do Iphan/AP em relação ao universo sociocultural que envolve a manifestação do Marabaixo, das pesquisas já realizadas pelo Iphan/AP; da descrição sobre a manifestação cultural do Marabaixo e sobre o processo de aproximação com os detentores, através da socialização dos conhecimentos produzidos pelo INRC, apresentação da Política Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI), dos desdobramentos gerados através de reuniões com grupos detentores e sobre a avaliação do Iphan/AP quanto a pertinência do Pedido de Registro.

O Inventário Nacional de Referências Culturais do Marabaixo (INRC do Marabaixo), foi elaborado entre os anos de 2013 e 2014, através da contratação de serviços especializados da Empresa Estilo Nacional. Os resultados finais desse inventário foram apresentados no formato de "*Dossiê final do Marabaixo*", material audiovisual contendo fotografias, entrevistas, registros das festas; Fichas de identificação de Celebrações, Edificações, Formas de Expressão, Lugares, Ofícios e Modos de Fazer. Foi também produzido um vídeo documentário sobre a manifestação cultural.

A necessidade de elaboração da pesquisa, através da metodologia do INRC, foi proposta pela Superintendência devido a identificação de uma demanda manifestada tanto pelos detentores, quanto pela sociedade civil de maneira geral, que encaram o Marabaixo enquanto um dos símbolos de representação indenitária do estado do Amapá. A percepção dessa demanda pode ser localizada através de vivências no cotidiano da cidade, onde é possível observar e se envolver em um conjunto complexo de elementos que dão forma a essa manifestação cultural, que por sua vez interferem e modificam o cotidiano da cidade de Macapá. Formalmente, pode-se justificar a identificação da demanda através do encaminhamento de pedidos de Registro do Marabaixo ao Iphan/AP. Por três vezes foram encaminhados pedidos para o reconhecimento da manifestação como Patrimônio Cultural



M I N I S T É R I O D A C U L T U R A			
	<b>I P H A N</b>	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL	Nota Técnica nº 16 DIVTEC/IPHAN/AP
			Data: 19/08/2015

PROTÓCOLO CENTRAL IPHAN/AC  
Fl. 06  
Rúbrica

do Brasil, todavia os pedidos não apresentavam o devido embasamento documental, como também não apresentavam a anuência dos detentores, além dos proponentes não serem parte legítima para realização do pedido, segundo Decreto nº3551/2000, que estabelece em seu artigo 2º:

Art. 2º São partes legítimas para provocar a instauração do processo de registro:

- I - o Ministro de Estado da Cultura;
- II - instituições vinculadas ao Ministério da Cultura;
- III - Secretarias de Estado, de Município e do Distrito Federal;
- IV - sociedades ou associações civis.


Nesse contexto o Iphan/AP optou por realizar o INRC do Marabaixo, visando a identificação e o mapeamento dessa manifestação cultural, com o intuito de que o material pudesse subsidiar a elaboração de uma proposta de Registro, assim como uma proposta de projeto de salvaguarda.

No início de 2014, após a finalização do INRC, o Iphan/AP iniciou o contato com os grupos de Marabaixo inventariados. A ideia foi socializar os conhecimentos produzidos através do inventário e apresentar a Política Nacional de Patrimônio Imaterial, esclarecer procedimentos quanto o instrumento do Registro e a consequente salvaguarda de bens registrados. Nessa perspectiva optamos por realizar um encontro em cada grupo de Marabaixo inventariado na capital do estado. Os grupos visitados foram: Associação Cultural Berço do Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Associação Cultural Marabaixo da Favela; Associação Cultural Marabaixo do Laguinho, Associação Zeca e Bibi Costa; Associação Cultural Raízes do Bolão. Os encontros de mobilização seguiram a seguinte dinâmica:

- Rodada de apresentações

- Apresentação sobre o que é o Iphan; sobre o INRC que foi desenvolvido; aspectos da política de patrimônio imaterial; o registro de bens culturais; plano de salvaguarda, comitê gestor; termo de anuência e demais temas correlatos.

- Rodada de apresentação do “Dossiê do Marabaixo” (produto final do INRC) e outras publicações do Iphan sobre bens culturais registrados.

MINISTÉRIO DA CULTURA			
	<b>IPHAN</b>	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL	Nota Técnica nº 16 DIVTEC/IPHAN/AP
		Data:	19/08/2015


-Conversa com os marabaixeiros sobre a realidade sociocultural do Marabaixo; Rodada de debate sobre ações que se enquadram enquanto “salvaguarda”; escolha de um representante para a formação de um Comitê Gestor; Possibilidade de Registro do Marabaixo como Patrimônio Cultural Nacional.

-Finalização de reunião e entrega dos materiais gráficos: “Para Saber Mais” e “Bens Culturais do Amapá”.

Após as reuniões ampliadas, passamos a nos reunir com o grupo que foi denominado de Comitê Gestor, formado por dois representantes (titular e suplente) de cada Associação de Marabaixo visitada. Normalmente, as reuniões do Comitê Gestor contam com a presença de um representante de cada associação. Nesses encontros passamos a sistematizar algumas demandas recorrentes relacionadas aos processos de produção e reprodução desse bem cultural.

Dessa maneira, após a finalização do INRC, dentre os resultados das ações de continuidade provocadas pelo Iphan/AP temos: reuniões ampliadas, socialização de conhecimentos, apresentação do PNPI, formação de Comitê Gestor, levantamento de demandas do Marabaixo, levantamento das principais dificuldades encontradas para a reprodução da manifestação e elaboração do pedido de registro, feita pelo já mencionado Comitê Gestor do Marabaixo; no qual pode-se verificar a maneira como os marabaixeiros se apropriaram dos termos relacionados a Política de Patrimônio Imaterial do Iphan, passando a reivindicar, formalmente, o reconhecimento do Estado sobre o Marabaixo, resultando num processo de empoeiramento político dos detentores, tão necessário à condução da instauração de um processo de Registro e sua Salvaguarda.

Segundo informações contidas no INRC, descrição e relatos dos marabaixeiros e bibliografia disponível sobre essa manifestação, o Marabaixo é uma manifestação cristã que envolve uma série de atividades e rituais que na sua totalidade refletem a devoção a santos de adoração. É primeiramente uma dança, acompanhada por um toque característico em um tipo de tambor específico, com melodias que retratam as histórias do cotidiano da população negra do amapá. Tem seu mito de origem na narrativa da travessia dos escravos nos navios negreiros.

MINISTÉRIO DA CULTURA			
	<b>IPHAN</b>	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL	
		Nota Técnica nº 16	Data:
		DIVTEC/IPHAN/AP	19/08/2015

PROFESSOR(A) ENTRALHA  
07  
Rubrica

O Marabaixo é, dentro das categorias definidas pelo IPHAN para registro dos bens de natureza imaterial, uma Forma de Expressão. Constitui-se de uma dança, associada à música e ao toque das caixas. É uma manifestação típica do Estado do Amapá que acontece durante as festas em devoção aos santos católicos. Em Macapá, a festa é em honra do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade, e no interior do Estado, além das mesmas devoções de Macapá, cultua-se também São José, Sagrada Família, Santa Maria, São Sebastião, São Tomé. (IPHAN. INRC do Marabaixo/Produto 05 - Dossiê, 2014, p.04).

De acordo com a memória dos detentores, o Marabaixo traz como questão de fundo a travessia do oceano atlântico dos africanos escravizados. Conta a tradição oral que um preto velho, lançado num navio negreiro, não suportou a viagem de travessia entre os continentes e acabou sucumbindo à morte, mas não sem antes ensinar aos demais companheiros da embarcação os cantos e danças para sua despedida, realizados/celebrados mar acima e mar abaixo. Portanto, é possível localizar no “mito de origem” do Marabaixo um aspecto fúnebre, a despedida dos que morreram nos navios negreiros. Entre os elementos que compõe a manifestação, a dança também faz referência ao tempo da escravidão, onde os pés arrastados que se movimentam em volta do salão simbolizam os escravos caminhando com os pés amarrados por correntes.

O Marabaixo é uma manifestação presente em toda a extensão do estado do Amapá, todavia se organiza de maneira diferente na capital e no interior do estado. A estrutura de cada grupo está associada às relações de parentesco. Normalmente, as pessoas que compõem um grupo de Marabaixo, fazem parte de uma mesma família<sup>1</sup>, sendo que o processo de transmissão de conhecimento entre as pessoas envolvidas no universo social do Marabaixo parece dar-se cotidianamente, através das experiências vivenciadas em casa, em momentos rituais, na contação de histórias dos mais velhos,

<sup>1</sup> Essa relação de parentesco aparece inclusive nos nomes dos grupos de Marabaixo, muitos deles trazem no nome da associação o nome de uma pessoa que é referência para aquele grupo, normalmente um Mestre antigo detentor de diversos tipos de conhecimento, que se relaciona à uma “linhagem familiar”. Por exemplo, “Raízes do Bolão”; “Raimundo Ladislau”, “Marabaixo do Pavão”, entre outros.

fazendo do Marabaixo uma forma de expressão e um meio de interação social, onde ocorre a criação, a reprodução e a transformação de conhecimentos, de saberes, de um fazer musical, de uma dança, da composição de Ladrões<sup>2</sup>, enfim, comportamentos apreendidos, de conhecimentos organizados que possibilitam uma forma de comunicação e interação social entre aqueles que dominam os mesmos códigos, entre os indivíduos de um grupo.



Festa de Marabaixo. Associação Cultural Berço do Marabaixo. Acervo IPHAN, 2013

---

<sup>2</sup> Ladrão é o nome dado às músicas de Marabaixo.

No interior do estado do Amapá as festas são organizadas a partir de uma promessa, ou em homenagem aos santos padroeiros da região. O festeiro faz a promessa ao santo de devoção, inicia-se então a realização de missas e novenas ao santo em questão. Quando a graça é alcançada, o festeiro organiza a festa de Marabaixo, nessa festa são oferecidos Caldo (comida típica das festas de Marabaixo, feito com legumes e carne) e a Gengibirra (bebida artesanal feita de cachaça e gengibre) aos demais festeiros.



Modo de Fazer Gengibirra. Associação Zeca e Bibi Costa. Acervo IPHAN. 2013.



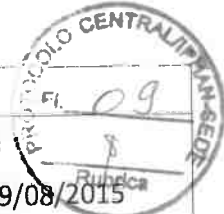
Caldo. Associação Cultural Raimundo Ladislau. Acervo IPHAN. 2013.

A realização do Marabaixo é organizada com a execução do toque feito em tambores de madeira e coro de carneiro ou bode, tocados com baquetas, chamados de “caixas”, normalmente o toque é executado por três caixas, que se organizam entre toques

de marcação e “dobrados”, é uma função predominantemente masculina.<sup>3</sup> Ao lado das caixas fica o “puxador”, normalmente duas pessoas, que se revezam para “puxar” os cantos. Ao redor das caixas é formada uma grande roda, conduzida pelas mulheres que se movimentam em círculos, no sentido anti horário executando o “coro” das músicas, conhecidas como “Ladrões”. Dependendo, assim, o Marabaixo da participação coletiva daqueles presentes na festa. As festas aos “santos de fé” nas comunidades rurais são acompanhadas do “Batuque”. Normalmente *Ladrões* de Marabaixo são intercalados com as *Bandaías*<sup>4</sup> de Batuque, em sua execução são utilizados dois tambores de mão (amassador e dobrador) e três pandeiros. Apesar de serem manifestações diferentes, no interior do estado, é notável que o Marabaixo e o Batuque são interdependentes, onde não é possível entender a totalidade de uma festa à um santo padroeiro, tratando essas duas manifestações de maneira isolada, pois são complementares. Segundo a narrativa dos detentores, o Marabaixo faz referência ao tempo da escravidão, onde a própria dança, de pés arrastados, simboliza as correntes amarradas aos pés dos escravos; ao passo que o Batuque traz em sua execução o tempo da liberdade, o ritmo mais livre e a performance da dança solta e mais agitada.

<sup>3</sup> Apesar do toque das caixas ser uma função predominantemente masculina, o conhecimento dos toques é socializado por todos do grupo, sendo que as mulheres sabem executar os toques, apenas não o fazem nos momentos da festa, onde o “feminino” cumpre outras funções. Hoje em dia é possível ver mulheres, principalmente jovens adolescentes tocando caixas nas festas de marabaixo, principalmente no início da festa.

<sup>4</sup> Bandaia é o nome dado as músicas de Batuque.



Festa de Marabaixo. Associação Cultural Raimundoi Ladislau. Acervo IPHAN. 2013.

Segundo Tiago de Oliveira Pinto, etnomusicólogo, ao registrar e analisar as produções musicais nas comunidades negras do Amapá, nos traz contribuições valiosas sobre a cultura afroamapamense, visto que pesquisas nessa área do conhecimento, junto as comunidades aforamapaenses, são escassas. Pinto, afirma então que as heranças musicais do Marabaixo apresentam ligações e vertentes não apenas africanas, mas também estão relacionadas às influências no norte e nordeste do Brasil e das Guianas inglesa e francesa. Segue descrição sobre a organização durante a execução do Marabaixo:

Predominam os tambores tipo bombo (ou caixa grande), que são carregados pelos músicos e percutidos com duas baquetas. Os músicos tocam esse instrumento – geralmente são dois – exercem simultaneamente, o papel de dançarinos e de puxadores do canto, visto que a comunidade dança em grupo, acompanhando o movimento em círculo anti-horário dos percursionistas e respondem em coro os versos puxados por um dos tocadores. No contexto tradicional afro-brasileiro é raro, talvez até mesmo



único do Marabaixo, o desempenho do agente musical simultaneamente como percussionista, cantor e dançarino, conforme observado com os puxadores deste gênero genuinamente amapaense. Diferente do Batuque, parece que o Marabaixo absorveu elementos indígenas da região amazônica que se fez presentes na maneira como o grupo dança em torno dos percussionistas. Não obstante a produção sonora ser de nítido cunho afro-brasileiro, a dança coletiva do Marabaixo lembra os movimentos compassados de um grande grupo coeso que percorre ciclos infinitos, redesenhando o próprio espaço mítico dos Torés indígenas e caboclos da região norte e nordeste do Brasil<sup>5</sup>



Modo de Fazer Caixa. Oficina do Mestre Pedro Bolão. Associação Cultural Raízes do Bolão. Acervo IPHAN. 2013.



Festa de Marabaixo. Associação Cultural Raimundo Ladislau e Associação Cultural Berço do Marabaixo, respectivamente. Acervo IPHAN. 2013.

<sup>5</sup> PINTO, 2000. In: Videira, P. *Batuques Folias e Ladainhas*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.





Altar com os santos de devoção. Associação Cultural Raimundo Ladislau. Acervo IPHAN. 2013.

Na capital do estado, Macapá, os grupos de Marabaixo estão organizados em forma de Associações, há um período específico de ocorrência das festas, conhecido como “Ciclo do Marabaixo”, a estrutura de execução do Marabaixo é similar a que ocorre nas comunidades rurais, porém, sem a presença do batuque. A época do Ciclo se estende durante o período pascal (inicia-se no Sábado de Aleluia e encerra no Domingo de Ramos), totalizando três meses do Ciclo, onde ocorrem diversos rituais, como por exemplo, missas, ladainhas, colheita da murta, levantamento do mastro, corte do mastro. Fazendo do Ciclo do Marabaixo um ritual que alcança sua totalidade através de várias celebrações que ora ocorrem em espaços privados (casas dos festeiros, onde são feitas as ladainhas), hora nos espaços públicos, nas ruas, quando o Marabaixo ganha forma de cortejo.



Em Macapá, durante o período do ciclo acontecem diversos rituais realizados por diversas associações de Marabaixo. De forma esquemática o ciclo é marcado pelo Sábado do Mastro, dia em que o grupo se dirige para uma mata a fim de cortar uma árvore de tronco fino e comprido que servirá como mastro; segue-se então o Domingo do Mastro, no qual o mastro percorre em cortejo as ruas dos bairros em que as festas ocorrem; a próxima data é a Quarta-feira da Murta, quando acontece um cortejo pelas ruas dos bairros com os ramos de murta na mão; a seguir é o dia da Quinta-feira da hora, em que o mastro é enfeitado com a murta e levantado na frente da casa do festeiro ou nas respectivas associações. Segundo sua devoção, serão celebrados o Domingo do Divino Espírito Santo e o Domingo da Santíssima Trindade, que ocorrem em datas diferentes e em diferentes associações, distinguindo o ciclo entre as celebrações do Laguinho e da Favela, sítios tradicionais da prática marabaixeira. Entre o levantamento dos mastros e esses domingos dedicados às invocações, em nome das quais o Marabaixo sai, ocorrem missas, novenas, ladainhas, as duas últimas nas associações encarregadas da celebração. Por fim, para fechar o ciclo ocorre a Derrubada do Mastro, que acontece no último dia de festa, quando também é escolhido o festeiro para o próximo ano. (IPHAN. INRC do Marabaixo/Produto 05 - Dossiê, 2014, p.04).



Corte do Mastro e Missa na Igreja. Associação Folclórica Marabaixo do Pavão. Acervo IPHAN. 2013.



Levantamento do Mastro. Associação Cultural Berço do Marabaixo. Acervo IPHAN. 2013

Por considerar que o Marabaixo se configura enquanto um conjunto de elementos estruturais e celebrações diversas que dão forma e sentido a esse bem cultural, decidiu-se enquadrá-lo na categoria das Formas de Expressão.

Depois de percorrermos as comunidades rurais dos municípios de Macapá e Mazagão, ficou mais fácil compreender que o Marabaixo é uma forma de expressão, pois constitui-se de uma dança, acompanhada do toque das caixas e dos ladrões, que são as músicas. Essa expressão cultural acontece durante as festas religiosas, mas que em cada localidade tem uma devoção diferente. Por vezes a festa é em louvor ao Divino Espírito Santo, em outros casos a devoção é dirigida a Santíssima Trindade, ou a São Sebastião, a Sagrada Família, a São José, a Santa Maria, a Nossa Senhora da Assunção, a São Tomé, dentre outros. (IPHAN. INRC do Marabaixo/Produto 05 - Dossiê, 2014, p.11).

Os *Ladrões* de Marabaixo descrevem os acontecimentos do dia a dia, são narrativas musicadas, que quando cantadas reificam memórias, lembranças e histórias que contam os fatos do cotidiano da população negra amapaense. O que torna o ladrão também uma ferramenta de transmissão do conhecimento através da oralidade. Diz a tradição oral que a música de marabaixo se chama “Ladrão”, devido ao processo de apropriação das histórias cotidianas que são musicadas, fazendo uma analogia ao



“roubo”, assim fatos isolados passam a fazer parte da memória coletiva das comunidades de marabaixo e são lembradas cada vez que se canta o Ladrão.

Justamente por narrar fatos do cotidiano, os Ladrões de marabaixo deixam registradas histórias que tratam inclusive do processo de ocupação do território pelos grupos negros no Amapá, que retratam os pontos de vista e versões da história local que não estão registrados em “fontes oficiais” de informação. Há em cada Ladrão, uma história. As inspirações são diversas, assim, essas canções expressam as crenças e costumes locais, os fatos históricos, as questões políticas, as histórias de família ou as querelas entre vizinhos...



Momentos de contação de Histórias e ensinamento de Ladrões de Marabaixo.  
Associação Cultural Raízes do Bolão. Acervo IPHAN. 2013.



Festa de Marabaixo. Associação Folclórica do Pavão. Acervo IPHAN. 2013.

Na vila formada no entorno da Fortaleza de São José, hoje Macapá, os negros representavam grande parte da população local, e a igreja de São José, construída em 1761, era uma forte referência dos marabaixeiros. Na década de 1940, com a criação do Território Federal do Amapá, uma grande reforma urbana foi planejada. Em consequência dessa reforma os moradores da área central da cidade, entre eles a população negra marabaixeira, foram deslocados para os Bairros do Lagunho e da Favela, ocasionando um processo de segregação entre as comunidades locais, até hoje narrado nos Ladrões de Marabaixo:

Aonde tu vai rapaz  
Por esses caminhos sozinhos  
Vou fazer minha morada  
La nos campos do Lagunho

Quando vim da minha casa  
Me perguntou como passou  
Rapaz eu não tenho casa  
Tu me da um armador

Destelhei a minha casa  
Com intensão de retelhar  
Mas a Santa Engrácia não fica  
Como a gente pode ficar?


Estava na minha casa  
Conversando com a companheira  
Não tenho pena da terra  
Só tenho pena do meu coqueiro

Largo de São João  
Já não tem nome de santo  
Hoje é conhecido por  
Barão do Rio Branco

A avenida Getúlio Vargas  
Está ficando um primor  
Essas casas foram feitas  
Pra só morar os doutor

Hoje, em Macapá, ocorre novo processo de “expulsão” dos marabaixeiros dos bairros do Laguinho e da Favela para outras regiões da cidade, devido a especulação imobiliária. Uma vez que, os bairros do Laguinho e da Favela já fazem parte de áreas centrais da cidade. Há um esforço dos detentores em manter a sede do grupo em seu espaço original, visto que são lugares de referência da manifestação. As casas possuem uma área externa, como um galpão, onde é executado o Marabaixo, aos fundos do terreno há sempre uma grande cozinha, onde é servido o tradicional Caldo das festas. Na sala da casa existe um espaço reservado ao “altar” onde são realizadas as ladainhas. Atualmente os detentores relatam sofrer preconceito por parte de autoridades públicas, como juízes, que utilizam do poder político para tentar barrar a execução das festas. Dessa maneira, não só a manifestação do Marabaixo se coloca enquanto um símbolo de resistência indentitária, mas também o lugar onde é executado.

O processo de transmissão de conhecimentos do universo social e simbólico do Marabaixo são passados de geração a geração através de diversas estratégias, que trazem no cotidiano os momentos de aprendizagem, que reificam memórias que despertam nos mais novos e desejo e a ação de continuidade da manifestação, pois a identificação como

MINISTÉRIO DA CULTURA		
	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL	Nota Técnica nº 16 DIVTEC/IPHAN/AP
		Data: 19/08/2015



“marabaixeiro” parece traduzir uma forma particular do sujeito que se distingue de outros grupos sociais não apenas por *fazer* o Marabaixo, mas por *ser* “marabaixeiro”, como explica Piedade Videira, dançadeira de Batuque e Marabaixo, Doutora em educação brasileira pela Universidade Federal do Ceará

A dança do Marabaixo e do Batuque são formas de pensamento, prática social e são partes do processo de resistência de negras (os) e não somente exercício artístico e de diversão, sendo o seu ensino, primordial à conscientização, socialização, autoconhecimento, autovalorização e escolarização dos indivíduos. Destarte, busquem se envolver e cuidar de sua própria história étnica. (Videira, P. *Batuques Folias e Ladainhas*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.)

Assim, dança e música se definem como um meio de interação social, produzida por aqueles que dominam os códigos específicos da manifestação; o “fazer” do Marabaixo se define enquanto um comportamento aprendido, através do qual sons, danças e fé são organizados, possibilitando uma forma simbólica de comunicação e interrelação entre os indivíduos do grupo, encaramos então o Marabaixo como uma forma de expressão que representa um processo de significação social, o qual diz respeito a história e memória dos grupos negros no estado do Amapá.



Tia Chiquinha. Mestre de conhecimentos sobre Marabaixo. Associação Cultural Raízes do Bolão. Acervo IPHAN. 2013.



Festa de Marabaixo. Associação Folclórica Marabaixo do Pavão e Raimundo Ladislau, respectivamente. Acervo IPHAN. 2013.


Uma vez identificada a importância do Marabaixo enquanto uma manifestação cultural responsável por representar e registrar, por meio da oralidade, a história da chegada e permanência dos grupos negros escravizados no Amapá, assim como a continuidade histórica da manifestação e principalmente por revelar um conjunto de elementos responsáveis por configurar uma estrutura de sentimentos que conferem identidade aos grupos negros do Amapá, ou seja, uma referência cultural; consideramos pertinente que essa manifestação venha a pleitear o reconhecimento nacional enquanto Patrimônio Cultural Brasileiro. Para tanto, consideramos que o INRC do Marabaixo oferece subsídios para a elaboração de um Dossiê para a instrução do Registro, onde os elementos que foram descritos na pesquisa de identificação sejam investigados com mais afinco.





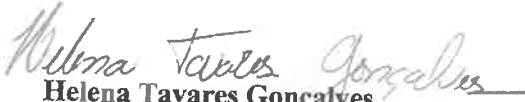
Levantamento do Mastro. Associação Cultural Berço do Marabaixo. Acervo IPHAN. 2013.

Apontamos para a necessidade de realização de estudos na área de etnomusicologia, que possibilitarão compreender os significados mais profundos das práticas musicais, aspectos descritivos e técnicos da música e a dança. Avaliamos também a importância de realização de uma pesquisa histórica e antropológica que faça uma análise sincrônica e diacrônica sobre o processo de formação e transformação do Marabaixo. Por fim, julga-se necessário explorar e investigar com mais atenção os grupos do interior do estado do Amapá e a relação do Marabaixo com o Batuque, pois, da mesma forma que o Ciclo do Marabaixo aparece como uma particularidade dos grupos da capital do estado, o Batuque e o Marabaixo parecem ser, no interior do Amapá, manifestações distintas, porém complementares, onde o Marabaixo faz referência ao tempo da escravidão e o Batuque ao tempo da liberdade. Ou seja, a narrativa se completa no conjunto das duas expressões culturais. Para tanto, consideramos bastante promissor

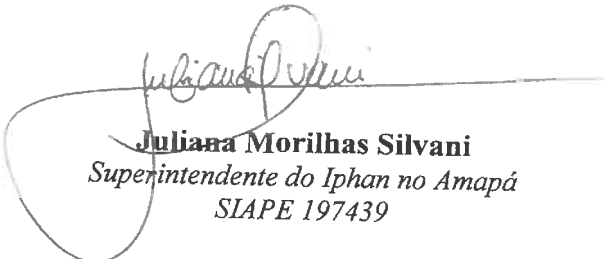
MINISTÉRIO DA CULTURA		
	<b>IPHAN</b>	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
	Nota Técnica nº 16	Data:
	DIVTEC/IPHAN/AP	19/08/2015

envolver os pesquisadores locais que já realizam estudos sobre esse universo sociocultural.

É a nota.

  
**Helena Tavares Gonçalves**  
Chefe de Divisão Técnica do Iphan no Amapá  
SIAPE 2082113

De acordo,  
Em 21 / 08 / 2015

  
**Juliana Morilhas Silvani**  
Superintendente do Iphan no Amapá  
SIAPE 197439